

**Indicadores sociais** Índices privilegiados de renda e escolaridade beneficiam apenas 10% dos moradores

# Capital é símbolo de poder e desigualdade

**Dauro Veras**

Para o **Valor**, de São Paulo

Brasília foi construída por migrantes a partir de um sonho coletivo, mas o “Eldorado” não beneficiou a todos. Em 50 anos de existência, a metrópole consolidou-se como centro de poder e qualidade de vida, mas também sintetiza os contrastes da realidade brasileira. Dos 3,5 milhões de pessoas que habitam o Distrito Federal e oito municípios goianos do entorno, só 10% a 12% desfrutam dos altos índices de renda e escolaridade da capital federal.

Desigualdade e envelhecimento da população são dois grandes desafios para os gestores, avalia a demógrafa e estatística Ana Nogales, coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da Universidade de Brasília (UnB). “Os moradores da periferia estão excluídos do projeto pensado pelo arquiteto Lucio Costa, de uma cidade voltada para o deleite de viver.” Para ela, é preciso dar atenção especial à mobilidade e à saúde.

Dois fatores contribuem para o envelhecimento dos brasilienses: a redução no tamanho das famílias e o aumento da esperança de vida. A taxa de fecundidade do DF, que em 1970 era de 2,3 filhos por mulher, passou a 1,77 em 2008, abaixo da média brasileira (1,86) e da taxa de reposição da população. A esperança de vida saltou de 68,9 anos em 1991 para 75,6 anos em 2008 — a maior do Brasil, 3,6 anos acima da média nacional.

“Brasília contava com 186 mil idosos em 2009, ou 7,2% da população total”, diz o pesquisador José Ribeiro, do Escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil. O potencial de consumo dessa população idosa abre um contexto favorável para novas oportunidades de negócios. Ele cita como exemplos o setor imobiliário, com habitações projetadas para idosos; os serviços de saúde, financeiros, de tecnologia, educação e entretenimento.

Outra mudança demográfica perceptível é a redução no ritmo migratório para a capital federal. “No início dos anos 1990, 91,3% dos trabalhadores residentes em Brasília vinham de outros Estados; no ano passado, eram 77,9%”, diz o economista Tiago Oliveira, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese-DF). Em 2009, a maioria dos trabalhadores não-brasilienses era do Rio de Janeiro (14%), Minas Gerais (14%), Goiás (8,1%) e São Paulo (8,1%). Os nordestinos imigram cada vez menos.

Se considerada apenas a cidade de Brasília, entre 1992 e 2009, a renda média da população passou de R\$ 3.483 para R\$ 5.061. No entanto, é grande a desigualdade na comparação entre diversas cidades do DF. O Dieese organiza as regiões administrativas do DF em três grandes grupos: o Grupo 1, de renda mais elevada (Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte); o 2, de renda intermediária (Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planal-

tina, Núcleo Bandeirante, Guará, Cruzeiro, Candangolândia e Riacho Fundo); e o 3, de renda mais baixa (Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Paranoá, São Sebastião, Santa Maria e Recanto das Emas). “Em 1992, um trabalhador do Grupo 1 ganhava 2,1 vezes mais que um do Grupo 2, e 3,8 vezes mais que do Grupo 3; já no ano passado, esse diferencial cresceu para 2,4 e 4,6 vezes, respectivamente”, compara.

Em torno de 381 mil pessoas que vivem nas cidades-satélite trabalham na área central de Brasília — quatro em cada dez ocupados do Grupo 2 e um terço dos trabalhadores do Grupo 3, segundo o Dieese-DF. Como o Plano Piloto concentra 70% a 80% dos empregos formais, o deslocamento sobrecarrega o sistema de transporte público e eleva os custos tanto de trabalhadores como de empresas.

O processo evolutivo de Brasília provocou um fenômeno que a pesquisadora Inaê Magno, doutora em sociologia pela UnB, chama de “solidão social”. Em sua tese “Brasília, a cidade do silêncio”, estudou as causas do discurso negativo sobre a cidade, adotado por uma parte de seus moradores, bem como as reações apaixonadas dos que a defendem. “Brasília é uma experiência urbana exótica”, diz. “Há um estranhamento instantâneo dos que chegam, mas depois a vida social se desenvolve e a imagem muda.” A pesquisadora observa uma cultura de exclusão dos diferentes pelos grupos de iguais.